

A frágil figura da verdade

Maria Elisabeth Cimenti,¹ Porto Alegre

O trabalho realiza um recorrido sobre o conceito de verdade. Destaca a ambiguidade que sempre acompanhou este conceito. Apresenta brevemente um entendimento filosófico do que seja a verdade. Detém-se mais profundamente sobre a verdade em psicanálise, chegando até a questão da transferência. Nesse percurso, são abordados autores como Freud, Foucault, Dunker e Lacan.

Palavras-chave: Verdade; Poder; Enigma; Transferência

¹ Analista de crianças e adolescentes, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

O conceito de verdade estruturou-se como uma pergunta constante para o ser humano. Vislumbrada como algo a ser alcançado, tomado nas mãos, constituiu-se em objeto de estudo desde os pré-socráticos. Entretanto, com exceção do período cartesiano, no qual conquistou o lugar de um saber instituído, manteve-se interrogada, gerando polêmicas discussões entre filósofos, cientistas, juristas e psicanalistas. Atualmente, fala-se inclusive em pós-verdade, como se pudesse prescindir dela (Dunker, 2017b).

O presente estudo pretende abordar algumas questões acerca deste tema, sobretudo do ponto de vista psicanalítico. Embora arrisque algumas pegadas até a filosofia, o foco do artigo estará voltado à psicanálise e, principalmente, aos estudos de Lacan.

Sob este viés, Pérez Peña (2005) problematiza o tema:

A verdade não é senão o limite onde se denuncia o desvio do conhecimento, ali onde se marca que não é saber e o saber é justamente aquilo que não sabe, pois somente nesse desconhecimento do saber é como se sabe [...] é aquilo que não tem realização, porque enquanto algo há de realização do saber, já será conhecimento e não saber (p. 36).

Importante destacar que tal afirmação de Peña toma como referência os conceitos lacanianos de enunciado e enunciação. O enunciado seria a fala consciente do sujeito enquanto traz um conteúdo da ordem do conhecimento. Neste enunciado, surgem furos, que aparecem como lapsos, atos falhos, trocas de palavras de toda ordem. Desses furos do discurso emerge o inconsciente, trazendo um saber, até então desconhecido, acerca da verdade do Eu, na forma da enunciação. Paradoxalmente, tal saber sobre a verdade do sujeito, no momento em que se torna consciente, transforma-se em conhecimento e pode ser falado pelo sujeito alienado, cuja própria verdade estará teimosamente lhe escapando.

Espera-se, portanto, focar a frágil figura da verdade, da qual o saber jamais se apropria de todo, e cuja nesga que consegue se realizar escapa para algo da ordem do conhecimento, gerando uma fratura estrutural no sujeito humano.

Tal dubiedade da verdade, assim como seu aspecto fugidio, é mascarada e ao mesmo tempo declarada, quando uma testemunha na justiça é três vezes inquirida sobre a verdade que deve afirmar. O juramento refere-se a dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade. Como se assim fosse possível se realizar.

Freud (1905) ilustra muito bem as inúmeras versões da verdade em seu livro *Os chistes*. Relata a cena em que um cavalheiro entra em uma confeitaria e pede

um bolo; logo o devolve e solicita em seu lugar um cálice de licor. Bebe o licor e prepara-se para sair, sem efetuar o pagamento. Interpelado pelo proprietário do lugar, reage e lhe pergunta o que quer. Este respondeu que não havia pagado o licor. “– Mas eu lhe dei o bolo em troca”. Novamente, o negociante lhe diz que não pagara o bolo, ao que responde o cavalheiro: “– Mas eu não o comi!” (p.78). Freud discute este exemplo, apresentando-o como um chiste sofisticado. Talvez fosse; mas, se atentarmos para as afirmações do senhor em causa, teremos de reconhecer que cada fator apresentado é verdadeiro, embora não fosse correto.

Freud (1905) apresenta muitos exemplos de chistes, mas vários estudos sobre a questão da verdade mencionam um, por ser muito apropriado para a discussão em causa. Dois homens se encontram em uma estação de trem. Um pergunta ao outro para onde vai. Este responde: – *À Cracóvia*. Ao que o outro responde: – *Por que me mentes? Por que dizes que vais à Cracóvia para me fazer crer que vais a Lemberg, se sei que de fato vais à Cracóvia?* O autor explica que este chiste opera através da técnica do absurdo. Mas esclarece que este método se conecta com outro, que seria o da representação do oposto: o sujeito está mentindo quando fala a verdade, e fala a verdade por meio da mentira. Salienta que a ambiguidade está presente no problema da verdade, e que este tipo de chiste ataca a própria certeza de nosso conhecimento. E, de fato, estudos posteriores de Freud (1927, 1940 [1938] e outros) demonstraram que a certeza era algo extremamente questionável, senão da ordem do impossível.

No livro *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939) refere que o âmago de nosso ser é constituído pelo Id, que não tem comunicação direta com o mundo externo. No interior do Id, dominam compostos de fusões de forças primevas em proporções que variam... “*A única e exclusiva tendência dessas pulsões é no sentido da satisfação... O Id obedece ao inexorável princípio de prazer*” (p. 227). Mas se sabe que a busca de prazer absoluto pode levar ao risco de destruição. Frente a isso, o Eu supera o princípio de prazer, desenvolvendo o princípio de realidade, que não abre mão do prazer, mas o retarda e o torna seguro. Assim, o Id, de pura tendência à descarga, garante sua sobrevivência e ameniza o seu sofrimento de entrar em contato com uma realidade muitas vezes dura, através do desenvolvimento do ego e de mecanismos deste, que protegem o Eu. O ego se defende, reprimindo impulsos e renegando ou forcluindo percepções. Utiliza diversas formas de negativizar o que poderia lhe causar dor, mas ao custo de estabelecer cisões em si, algumas vezes profundas. Pode, assim, acontecer que uma parte do Eu reconheça a realidade dolorosa – no caso da criança em desenvolvimento, a ameaça de castração seria a mais impactante –, enquanto outra parte a ignora e segue como se ela não existisse. Segundo Freud (1940 [1938]), todos nós, desde o psicótico

até o neurótico mais adaptado, apresentamos estas cisões. Fato que determina que cada um de nós atravesse sua versão da realidade de acordo com suas próprias e possíveis distorções. Cada um terá a sua leitura do mundo conforme suas pulsões, desejos e defesas utilizadas, fato que transporta a verdade para um lugar, quanto muito plural, para as verdades.

Foucault (2004) apresenta uma visão da verdade que se afasta significativamente de Freud, quando sai do indivíduo para o social. Para ele, a verdade não existe fora do poder ou despojada de poder. É produzida neste mundo graças a inúmeras coerções, regulamentadas pelo poder. Cada sociedade teria seu sistema de verdades, apresentando um discurso que é acolhido por ela e passa a funcionar como verdadeiro. Há sempre mecanismos ou instâncias que regulam os enunciados que são verdadeiros e os que são falsos. Para este autor, a questão não seria de libertar a verdade de todo sistema de poder, o que seria impossível, mas de desvincular o poder da verdade, das formas hegemônicas no interior das quais ela funciona.

Dentro dessa lógica, os enunciados verdadeiros estariam atrelados ao poder. Resta-nos perguntar onde podemos situar este poder. Estaria no capital? Na Igreja? Nas universidades?

Embora não de modo idêntico, Dunker (2017a) concorda com Foucault. Destaca que até mesmo os sofrimentos que não se enquadram nos discursos constituídos são frequentemente tornados invisíveis. Diz ele:

Hoje pensamos em como lidar com os tipos de mal-estar cuja nomeação é precária, incerta ou improvável e com tipos de sofrimento que escapam à lógica identificatória do reconhecimento. Se o sofrimento e o amor são os dois motivos de qualquer processo transformativo, é fundamental reter que no centro de qualquer experiência de sofrimento há um grão de Real e uma pitada de verdade, que aspira a uma nova forma de vida (p. 202).

Se não podemos dar sentido ao novo, ao peculiar de cada caso, escutar a cada sofrimento, estamos impondo um conhecimento que se repete de modo automático, possivelmente determinado por regras implícitas sobre o saber de uma sociedade. Com base nessa leitura, é possível compreender os motivos pelos quais alguns diagnósticos passam a ser institucionalizados e utilizados maciçamente, tais como hoje se escuta falar do déficit de atenção, hiperatividade ou depressão, gerando daí indicações medicamentosas indiscriminadas. Quando em uma sala de aula com trinta alunos, vinte e oito crianças estão medicadas com Ritalina, o que se passa? Que poder determina tal massificação medicamentosa?

Importante retornar a Lacan, por apresentar relevantes estudos a respeito do tema verdade, e cuja teoria comunga igualmente com a de Foucault, ao incluir a questão do laço social desde o início do desenvolvimento do sujeito, através do O (*Autre* ou Outro – grande Outro em contraposição ao o, pequeno outro ou outro do desejo). O Outro se apresenta já ao *enfant*, aportando um discurso pleno de significantes primordiais.

Lacan (1959 [1960]) parte, então, do Complexo do Semelhante, apresentado por Freud no *Projeto* (1950 [1895]), esclarecendo que nesta experiência as vivências de prazer estruturam-se juntamente com vivências de desprazer, e deixam registros imemorráveis para a consciência, embora permaneçam restos, signos, marcas que irão se constituir na Coisa, a *Das Ding* freudiana. Ao estilo kleiniano, Lacan especifica marcas da experiência de desprazer – que se tornam signos de repetição para além do princípio de prazer –, em contraposição a registros de prazer, que irão se construir como necessidades e que deixam um trilhamento, algo da ordem do Real, que jamais será totalmente apreendido, porém esteve lá e sempre será buscado. Esta seria a Coisa, a *Das Ding* freudiana, que estaria na raiz do que Lacan designa como o a (pequeno a), objeto causa do desejo e que surge metonimicamente como enigma ou uma Quimera. Diz o autor:

O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência, comporta esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer. Nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo, em nome do princípio de prazer, buscamos a tensão ótima abaixo da qual não haverá mais nem percepção nem esforço. Segue, ainda: O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental [...] (2008, p. 68).

No *Seminário 17* (1969-1970), Lacan lança a pergunta: “O que é a verdade como saber? [...] Como saber sem saber?”. A estas questões dá uma resposta taxativa: “É um enigma” (p.36). A partir daí explica que a verdade nunca pode ser dita a não ser pela metade. Segundo o autor, a verdade surge de um poço, como um corpo que aparece do imaginário. Em seguida, faz menção à Quimera, monstro mitológico com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. Aparece como uma combinação incongruente de partes estranhas. Contém algo da ordem do estranho. Lembra que a Quimera, ou a Esfinge – como mais comumente se designa –, propõe para Édipo um enigma. A resposta do jovem Édipo foi em certa direção

e o transformou no Complexo de Édipo, conforme o conhecemos hoje. Poderia seguramente ter dado outra resposta, mas não o fez.

Lacan (1969-1970) entende que assim esclarece a função do enigma. Seria um semidizer que desvela tal qual a Quimera, um meio-corpo, fadado ao desaparecimento tão logo seja solucionado seu enigma. O autor ainda afirma: “Um saber como verdade - isto define o que deve ser a estrutura do que se chama uma interpretação” (p. 37). A partir daí, retoma a diferença de nível entre enunciação e enunciado, para dar mais relevo à função de enigma. O enigma seria nada mais do que a enunciação, que deve ser a base sobre a qual se arma um enunciado.

Assinala, ainda, que existe outro aspecto importante: a citação (*Idem*, p. 37). A citação seria como apresentar um autor que refere os argumentos de um discurso que estaria se construindo – por exemplo, citar Freud ao tratar sobre psicanálise, ou Marx em um discurso político. Diante disso, relaciona o enigma com a enunciação, e a citação a um semidizer, um enunciado. Salienta, entretanto, que dita verdade só é válida na medida em que participa de determinado discurso. A interpretação seria, com frequência, estabelecida por um enigma colhido no próprio discurso do psicanalista. O enunciado interpretativo emitido pelo analista muitas vezes é retirado do próprio texto como foi enunciado.

Para Lacan, o discurso analítico seria a mola mestra da transferência. Nessa dimensão é dada uma grande liberdade ao psicanalista, que assim constitui sua fala como mestre, mesmo que o psicanalista seja colocado no lugar do suposto saber, um fértil estímulo à transferência. Desde este lugar, o analista se faz causa do desejo do analisante e, resta esclarecer, já que sabe que o desejo é metonímico, estaria no lugar de alguém do passado histórico do seu psicanalista. Essa situação é ricamente ilustrada por Lacan por meio da atitude de Sócrates em *O banquete*. Alcibiades declara publicamente sua paixão a Sócrates; o filósofo, mesmo frente a todas investidas apaixonadas do jovem, não capitulou em momento algum. Sócrates simplesmente responde que tudo que Alcibiades dizia para ele queria na verdade dizer para Agatão. Para Lacan, o desejo do analista joga como o morto no baralho de cartas.

Nesse sentido, pode se entender claramente a própria transferência como uma meia verdade que se repete, colocando um enigma que deve ser traduzido em um enunciado. Já o analista, no lugar do leão-cabra-cobra, é suporte e torna-se fonte de inspiração para a enunciação se fazer surgir. Nesse lugar, coloca seu desejo no jogo, sem permitir mesmo assim que ele seja atravessado pela posição de objeto de desejo. Isso posto, poderá levar o processo de cura em frente. □

Abstract

The frail image of truth

This manuscript trails the concept of truth. It emphasizes the ambiguity that has always paired this concept. It briefly presents a philosophical understanding of what truth is. It dwells on the truth in psychoanalysis, going as far as transference. Along this pathway, authors like Freud, Foucault, Dunker and Lacan are approached.

Keywords: Truth; Power; Enigma; Transference

Resumen

La frágil figura de la verdad

El trabajo hace una revisión del concepto de verdad. Destaca la ambigüedad que siempre acompañó este concepto. Presenta brevemente un entendimiento filosófico de lo que sea la verdad. Se detiene más hondamente sobre la verdad en psicoanálisis, llegando hasta el tema de la transferencia. En este recorrido, se abordan autores como Freud, Foucault, Dunker y Lacan.

Palabras claves: Verdad; Poder; Enigma; Transferencia

Referências

- Dunker, C. (2017a). *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano* (Cap. 32, pp. 195-202). São Paulo: UBU.
- Dunker, C. (2017b). *Ética e pós-verdade: subjetividade em tempos de pós-verdade* (pp.10-45). Porto Alegre/São Paulo: Litercultura.
- Foucault, M. (2004). *Microfísica do poder* (pp. 1-14). São Paulo: Paz e Terra.
- Freud, S. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8, pp. 13-289). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1927). O feticismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 173-194). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 13-161). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1940[1938]). A cisão do ego no processo de defesa. In *Edição standard brasileira das*

- obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 305-312). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Lacan, J. (1959[1960]). A ética da psicanálise. In *O seminário* (Livro 7, cap. 4, pp. 57-72). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1969-1970). O avesso da psicanálise. In *O seminário* (Livro 17, cap. 2, pp. 29-39). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- Pérez Peña, E. (2005). *Lacan, el bárbaro. Desarrollo y estructura de la teoría psicoanalítica em Lacan* (pp. 29-58). Buenos Aires: Biblos.

Recebido em 14/01/2019

Aceito em 23/01/2019

Revisão gramatical de **Ellen Garber**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Maria Elisabeth Cimenti

Rua João Abbott, 319/401

90460-150 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: bethcimenti@hotmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA